

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

THIAGO MOREIRA MARQUES

**UMA HISTÓRIA EM *100 FILMES*: INTERPRETAÇÕES SOBRE UM LIVRO  
QUE NÃO ERA LIVRO**

CURITIBA  
2022

THIAGO MOREIRA MARQUES

**UMA HISTÓRIA EM 100 FILMES: INTERPRETAÇÕES SOBRE UM LIVRO  
QUE NÃO ERA LIVRO**

Monografia de Especialização apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

CURITIBA

2022

## TERMO DE APROVAÇÃO

### UMA HISTÓRIA EM *100 FILMES*: INTERPRETAÇÕES SOBRE UM LIVRO QUE NÃO ERA LIVRO

por

THIAGO MOREIRA MARQUES

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista no curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 3 de março de 2022.

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima  
Orientador

---

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida  
Membro titular

---

Profa. Dra. Ana Paula Pinheiro da Silveira  
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

## RESUMO

MARQUES, Thiago Moreira. **Uma história em 100 filmes: interpretações sobre um livro que não era livro**. 47 f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa e Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 2022.

O presente trabalho apresenta uma análise sobre *100 anos em 100 filmes: escritos sobre cinema*, coletânea de textos (organizada por Maria Salete Borba e publicada pela UFSC) escritos por Valêncio Xavier para o jornal paranaense *Gazeta do Povo* em 1995, para celebração dos 100 anos da primeira exibição pública do cinema. Os textos foram analisados de modo a evidenciar uma possível organização que torne os textos uma única obra, coesa e (nos moldes de Valêncio Xavier) literária. Para tanto, foram utilizados os conceitos de *montagem* e *colagem* para analisar esses textos de Valêncio Xavier e propor um fio condutor para a obra.

**Palavras-chave:** Valêncio Xavier, Cinema, Literatura, Jornal, Montagem, Colagem.

## ABSTRACT

The following study presents an analysis about *100 anos em 100 filmes: escritos sobre cinema*, a collection of texts (organized by Maria Salete Borba and published by UFSC) by Brazilian author Valêncio Xavier, originally published in the Paranaense newspaper *Gazeta do Povo* in 1995, in order to celebrate cinema's first public exhibition. The texts were analyzed in a way to clarify if there is any possible organization to understand the project as a single (maybe literary) book. The concepts of *collage* and *montage* were utilized as a key to understanding and connecting the texts of this work.

**Keywords:** Valêncio Xavier, Cinema, Literature, Newspaper, Montage, Collage.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO</b>	<b>7</b>
<b>2 O AUTOR / CINEASTA E OS 100 ANOS DO CINEMA</b>	<b>9</b>
<b>3 O PERCURSO DO AUTOR E O PERCURSO DO PESQUISADOR</b>	<b>13</b>
<b>4 CINEMA / LIVRO: MONTAGEM / COLAGEM</b>	<b>15</b>
<b>5 A (NÃO) CURADORIA DE VALÊNCIO XAVIER</b>	<b>18</b>
<b>6 UMA OUTRA TENTATIVA NA BUSCA POR UM FIO CONDUTOR: CONCEITOS E TERMOS RECORRENTES</b>	<b>21</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM LIVRO QUE NÃO ERA LIVRO</b>	<b>26</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>27</b>

## 1 INTRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O seguinte trabalho de conclusão de curso, requisito para diplomação no curso *lato sensu* de especialização em Língua Portuguesa e Literatura, pretendeu apreender os textos escritos por Valêncio Xavier sobre cinema para o jornal paranaense *Gazeta do Povo*, em ocasião da celebração dos 100 anos da primeira exibição pública de cinema, como um livro do autor. Para tanto, procurei um fio condutor temático que organizasse a obra além do tema “100 anos do cinema”. Usei, para a pesquisa, a coletânea desses textos organizada pela professora e pesquisadora Maria Salete Borba, lançada pela editora da UFSC no ano de 2020 e disponível gratuitamente em formato *pdf*. O link para download se encontra nas referências, ao final do texto.

No segundo capítulo, após essa breve introdução no primeiro capítulo, que apresenta o trabalho e sua organização, apresento e relaciono um pouco da história do cinema com a história e o estilo de Valêncio Xavier. Também arrisco apresentar uma justificativa para um trabalho sobre o autor, que justifique também um trabalho que relacione literatura e cinema.

No terceiro capítulo, apresento uma leitura do romance mais conhecido de Valêncio Xavier, *O mez da gripe*, seguido de um relato meu, acadêmico e pessoal, que de certo modo também pretende justificar a presente pesquisa. Ao partilhar minha trajetória com o autor e as obras, aproveito para agradecer a todos profissionais que realizam um trabalho sério com pesquisa, artes, literatura e cinema. Sem esses episódios relatados e todos e todas que deles participaram, a presente pesquisa não seria possível.

No quarto capítulo relaciono o estilo do autor com os conceitos de colagem, comum às artes visuais; e montagem, comum ao cinema (e obras audiovisuais). Essas técnicas servirão como chave de leitura para entendermos a obra *100 anos em 100 filmes*, que é o objeto dessa análise.

No quinto capítulo argumento que Valêncio Xavier optou pela perspectiva de um amador para comentar e organizar seus textos sobre cinema.

No sexto capítulo, como não há uma organização explícita nem um fio condutor que ligue todos os textos de *100 anos em 100 filmes*, optei por uma análise quantitativa da recorrência de termos referentes ao cinema de modo a estabelecer uma coesão interna, que comprove que o projeto *100 anos em 100 filmes* pode ser entendido como um livro.

Por fim, no sétimo e último capítulo, apresento minhas considerações finais e defendo o motivo pelo qual é possível apreender *100 anos em 100 filmes* como um livro, mesmo que originalmente não o fosse.



## 2 O AUTOR / CINEASTA E OS 100 ANOS DO CINEMA

É muito natural associarmos o cinema e suas tecnologias ao século XX, afinal, foi um meio que nasceu (no finalzinho do século XIX, mais precisamente), se popularizou e amadureceu ao longo desses 100 anos. As mudanças pelas quais passou (e ainda passa) o cinema são inúmeras, e englobam tanto os métodos e técnicas utilizadas para sua produção quanto a maneira que o público aprecia a tal da sétima arte. A transição do cinema mudo para o cinema falado; do preto e branco ao colorido; da sala de cinema para o VHS e a videolocadora; *kinetoscópio*, computação gráfica, fundo verde, montagem, efeitos especiais, edição são apenas alguns dos exemplos das tecnologias utilizadas e proporcionadas pelo fazer cinematográfico. Também variados são os gêneros englobados por essa mídia: documentário, drama, comédia, terror, *mockumentary*, épico, faroeste; enfim, seria possível ocupar páginas e mais páginas apenas listando os diferentes gêneros, as diferentes tecnologias e diferentes termos relativos ao campo semântico da sétima arte.

Óbvio que não fui o único a me ocupar em texto desse mais de um século de vida do cinema: dada sua acessibilidade e popularidade, tanto teóricos e estudiosos como curiosos e apaixonados escreveram e escrevem sobre o tema. Entre estes últimos, temos nomes, de outras áreas do conhecimento, mundialmente reconhecidos que já comentaram sobre cinema menos como teóricos do que como apreciadores: Jorge Luis Borges, certa vez, comparou os filmes de faroeste ao gênero literário épico<sup>1</sup>; Slavoj Žižek, por sua vez, dá exemplos de ideologia reacionária em filmes *hollywoodianos*, como *Titanic*, *Avatar* e a *Noviça Rebelde*<sup>2</sup>. Esses dois autores -- um ficcionista, o outro filósofo -- são dois exemplos dentre muitos escritores que pensam (ou pensaram) o cinema, mesmo que fora dele.

Há, também, aqueles que, apesar de se destacarem em outra área, são também cineastas: é o caso de Valêncio Xavier. Mesmo lembrado como autor

---

<sup>1</sup> UBIRATAN, Brasil. **Borges admirava faroestes e a Lua**. Estadão. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,borges-admirava-faroestes-e-a-lua,459123> Acesso em: 22 maio 2021

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vCJGluoXc1Y&t=2s> Acesso em: 22 maio 2021.

de uma literatura muito única, o paulista que, de tanto morar e escrever literatura em Curitiba é considerado um autor paranaense, também produziu e dirigiu curtas e longas metragens. Importante ressaltar, também, como a obra literária de Valêncio Xavier é permeada por elementos comuns à narrativa cinematográfica: seus livros, muitas vezes, são compostos por *montagens* de *frames* de filmes, recortes de jornais, publicidades de um tempo que não existe mais: um exemplo é o romance *Maciste no inferno*, que apresenta diversos *frames* do filme homônimo lançado em 1925<sup>3</sup>, acompanhados das impressões de um narrador/espectador que “monta” uma trama enredando os acontecimentos do filme com os acontecimentos de sua vida. Por mais contrastantes que pareçam esses textos de mídias tão distintas, todos colaboram para a construção de uma única narrativa, construindo assim uma das marcas registradas de Valêncio Xavier..

Além da literatura e do cinema, Valêncio Xavier também se ocupou do jornalismo. Arrisco também dizer que, assim como o Valêncio Xavier literato estava permeado pelo cinema, o Valêncio jornalista também estava permeado pela literatura e pela linguagem cinematográfica. Um exemplo dessa convergência de diferentes linguagens é a coleção de textos escritos para o jornal paranaense *Gazeta do Povo* em 1995 intitulada *100 anos em 100 filmes*. Ao longo de vários textos publicados no *Caderno G* (caderno cultural do periódico), Valêncio Xavier resenha mais de 100 filmes, alguns livros sobre cinema -- até escreve sobre os 80 anos do músico Frank Sinatra. Toda essa produção para comemorar os 100 anos do cinema, mais precisamente os 100 anos da primeira exibição pública do cinema, realizada em Paris, 1895, pelos irmãos Lumière. Um dos filmes exibidos fora *A chegada do trem na estação*, resenhado, inclusive, por Valêncio nos textos para a *Gazeta*. Além dos muitos clássicos do início da história do cinema, como o já citado filme da locomotiva, *O encouraçado Potemkin*, *Viagem à lua*, *Cidadão Kane*, temos também filmes recentes e / ou inusitados, como *O Máskara*, *Pulp Fiction*, e *Pinóquio*.

Essa variedade de textos, compilados e acompanhados de uma interessante fortuna crítica, foi publicada pela editora da UFSC em 2020 e

---

<sup>3</sup> Informações sobre o filme retiradas do site *IMDB*. Disponível em [https://www.imdb.com/title/tt0017096/?ref=fn\\_al\\_tt\\_3](https://www.imdb.com/title/tt0017096/?ref=fn_al_tt_3) Acesso em: 02 Nov. 2021.

intitulada *100 anos em 100 filmes: Escritos sobre cinema*<sup>4</sup>, demonstram a versatilidade de Valêncio Xavier. O autor, que cita (com orgulho, acredito) que “uma mentira minha vale por dez verdades tuas” (XAVIER, 1998, p. 207) não deixa de ser autor de literatura ao escrever essas resenhas de filmes. Também não deixa de ser cineasta, obviamente. Em outras palavras, não deixa de utilizar seus artifícios para contar as “mentiras” comuns ao fazer literário e ao fazer cinematográfico. Seria possível relacionar essas resenhas críticas à obra literária de Valêncio Xavier? De que maneira? Haveria algum fio-condutor ou recorrência de termos ao longo destes mais de 100 textos? Como a montagem cinematográfica se aproxima da literatura de V. X. e na “construção” de uma realidade sobreposta à nossa? A presente pesquisa pretende, portanto, elucidar algumas dessas questões.

Tanto o livro (em suas variadas apresentações, impressas ou não) como o seu conteúdo (no caso, a compilação dos comentários sobre os filmes) e os filmes analisados são exemplos de tecnologias cristalizadas pela experiência humana ao longo do tempo. Tais tecnologias “se apresenta(m), pois, como uma realidade multifacetada: não apenas em forma de objetos e conjunto de objetos, mas também como sistemas, como processos, como modos de proceder com certa mentalidade” (CUPANI, 2011, p. 12). O que seria, então, as variadas expressões artísticas senão exemplos também de tecnologia e de uso consciente de diversas técnicas? Nesse caso, a pesquisa e análise de textos de Valêncio Xavier sobre cinema é estudar um autor multimídia, que utiliza variadas tecnologias (que se complementam) para escrever seus livros: basta ver a presença de recortes de jornais e *frames* de filmes que compõem suas narrativas literárias

Retomar e visitar um grande artista como Valêncio Xavier é contribuir para que seu trabalho, multifacetado, não seja relegado ao esquecimento. Sua obra, ao mesmo tempo local, curitibana, é também universal, dialoga com os mais diversos leitores. Analisar seus textos sobre cinema para a *Gazeta do Povo* culmina, é inevitável, em apreender esse autor pelas suas outras faces, muitas

4

Disponível

em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/208388#:~:text=O%20objetivo%20desta%20edi%C3%A7%C3%A3o%20cr%C3%ADtica,do%20cinema%2C%20comemorados%20em%201995>.

Acesso em: 26 maio 2021

vezes deixadas de lado, e também em trazer para o debate e para a pesquisa acadêmica textos que, anteriormente, eram de circulação apenas estadual.

Optar por analisar essa produção de V. X. é também optar por falar de cinema. Se comparado às outras, o cinema é uma das mais recentes artes, ainda não tendo alcançado 150 anos de existência. É uma arte que podemos buscar precisamente suas origens e sua gênese,

Para Roman Jakobson (em 1933),

assistimos à gênese de uma nova arte. Ela cresce a olhos vistos. Desvincula-se da influência das artes precedentes; começa já a influenciar-las. Cria suas normas, suas leis e em seguida, com determinação as subverte. Torna-se um poderoso instrumento de propaganda e de educação, um fato social cotidiano, de massa; ultrapassa nesse sentido todas as outras artes (JAKOBSON, 1970, p.153).

O cinema, portanto, é uma das primeiras artes a ter seu início fortemente documentado. É, em certa medida, uma expressão artística acessível e democratizada; para assistir filmes que já se tornaram domínio público basta ter acesso à internet. Há produção também para todos os gostos: super produções hollywoodianas com milhões de dólares de orçamento; filmes independentes; filmes de diferentes gêneros, de diferentes países e até em diferentes formatos. Essa variedade é expressa na seleção de filmes feita por Valêncio Xavier.

Estudar textos de um romancista e cineasta sobre os 100 anos do cinema é estudar sobre os diversos processos pelos quais passou a sétima arte, é estudar sua história e suas influências nas artes. É também estudar a produção desse autor e de que maneira sua obra foi influenciada pelas películas com as quais teve contato.

### 3 O PERCURSO DO AUTOR E O PERCURSO DO PESQUISADOR

Valêncio Xavier costuma ser lembrado pelo que é considerada sua obra prima: o romance *O mez da gripe*. Na obra, o autor elabora uma única narrativa a partir de recortes de jornais de um momento histórico de Curitiba (e também do mundo): a epidemia de gripe espanhola. São recortes de jornais curitibanos ao longo de três meses (outubro, novembro e dezembro) do ano de 1918. O ficcional e o histórico se confundem, o verbal e o imagético colidem de modo a apresentar uma narrativa ao mesmo tempo polifônica e coesa, uma colagem sobre morte, história e memória. É possível perceber, portanto, o estilo característico do autor nesse romance.

*O mez da gripe* foi a primeira obra de Valêncio Xavier com a qual tive contato. Apresentada durante uma aula de graduação da disciplina de *literatura paranaense*, o estilo singular do autor, com suas imagens, colagens e montagens de um tempo que não é mais o nosso, chamou minha atenção. Me causou espanto também, na época, a escassez de novas edições de sua obra, e até mesmo a quantidade de volumes disponíveis para empréstimo na *Biblioteca Pública Estadual do Paraná*: em uma primeira visita consultando a obra do autor, os únicos volumes disponíveis no momento de *O mez da gripe e outros livros* (coletânea com mais romances, lançada pela editora Companhia das Letras em 1998) eram para consulta no local. Desde então, me interessei pela obra de Valêncio Xavier.

Qual não foi minha surpresa quando, alguns anos depois, durante minha primeira visita ao *Cine Passeio* em Curitiba, me deparei com o *Espaço Valêncio Xavier*. O *Cine Passeio* é um cinema de rua localizado no centro de Curitiba e inaugurado em março de 2019. A sua proposta é de ser uma opção às mega redes de cinema localizadas em *shopping centers*, além de exibir tanto filmes comerciais quanto independentes, de distribuição mais restrita<sup>5</sup>. Além do espaço e sala de cinema dedicados ao autor, também é possível ler, emolduradas nas paredes do andar inferior, algumas das resenhas de filmes escritas pelo autor

---

<sup>5</sup> Site oficial do cinema com essas e outras informações sobre o espaço cultural, disponível em: <http://www.cinepasseio.org/cine> Acesso em: 02 Nov. 2021.

para o projeto *100 anos em 100 filmes* para o jornal *Gazeta do Povo* em 1995. Resenhas de filmes como *Rashomon*, *Cidadão Kane* e *2001: uma odisséia no espaço* instigaram tanto minha curiosidade como pesquisador, como também a curiosidade do leitor da obra de Valêncio Xavier e entusiasta de tais filmes. De adiamento em adiamento para buscar os 100 textos, já que, foram publicados periodicamente em um jornal há mais de 20 anos atrás (o que exigiria, no mínimo, algumas visitas à *Biblioteca Pública do Paraná*), o ano de 2020 vê o lançamento da compilação das resenhas de *100 anos em 100 filmes* pela editora da Universidade Federal de Santa Catarina, com estabelecimento do texto e organização pela professora Maria Salete Borba, da Universidade Estadual do Centro-Oeste. A coletânea tem distribuição gratuita em formato *.pdf*, e o link para download se encontra nas referências. Um apêndice acompanha os mais de 100 textos do autor sobre cinema, composto por uma fortuna crítica escrita por diversos pesquisadores.

Há, nesse relato, um aspecto que gostaria de destacar: a retomada de uma obra, um autor ou uma autora não ocorre de maneira espontânea, ou por acidente. Há um movimento de busca, realce, compartilhamento, por considerar que tais obras ainda devem ser lidas, pesquisadas, apreciadas. E isso não é o trabalho de uma só pessoa: no meu relato, há o movimento do professor da disciplina de colocar o *Mez da gripe* na bibliografia; da Biblioteca Pública do Paraná em disponibilizar obras do autor; dos profissionais que projetaram o *Cine Passeio* e pensaram um *Espaço Valêncio Xavier*; das professoras e professores da UFSC e outras universidades em compilar as resenhas publicadas pelo autor na *Gazeta do Povo* e escrever análises sobre esse tema. Há, por fim, um esforço que é meu também, de incentivar novos leitores e pesquisadores a conhecer, apreciar e pesquisar a obra de Valêncio Xavier. Sem esse movimento conjunto, de retomar, pesquisar, redescobrir uma obra, é possível (ou até provável) que muitos autores e autoras com um estilo único sejam relegados ao esquecimento, quando poderiam muito bem nos ajudar a entender e lidar com nossas angústias e com o tempo em que vivemos.

#### 4 CINEMA / LIVRO: MONTAGEM / COLAGEM

O *Mez da gripe* e *Maciste no inferno* são exemplos da obra de Valêncio Xavier que demonstram como a colagem é um traço constante em sua literatura. Mas o que é a colagem?

Colagem é um termo que passa a ser utilizado na área das artes a partir do advento do cubismo no início do século XX. Foram os artistas cubistas que “começaram a utilizar métodos que subverteram o modo convencional de pintura com o uso da tipografia e a subsequente inserção de materiais poucos [sic] convencionais à linguagem, dando início ao uso da colagem na produção artística” (SOUZA & COSTA, 2019, s/p).

Ao analisar obras tridimensionais de artistas plásticos contemporâneos, Souza e Costa apresentam chaves de leitura interessantes que podem servir também à obra de Valêncio Xavier, como por exemplo:

em seu trabalho ‘Hoje é sempre Ontem’, de 1972, Duke Lee não se limitou à ação de recortar e colar, mas também houve uma maneira de construir um discurso a partir dessas imagens sobrepostas [...] através da mistura dessa desordem, faz surgir algo novo [...] sobreposições [...] através da justaposição de materiais (2019, s/p).

É possível apreender que palavras como “recortar”, “colar”, “sobreposição”, “mistura”, “desordem”, “justaposição” e “novo” são correlatas à colagem. Esses termos podem ajudar na leitura de uma das páginas do romance *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier (figura 01):



Figura 01: página 17 de *O mez da gripe e outros livros* (XAVIER, 1998, p. 17)

Nesse trecho do livro, temos o *recorte* de um jornal curitibano de 1918, durante a epidemia de gripe espanhola. O *recorte*, porém, não contempla a página inteira do jornal original. Não é possível ler nenhuma das matérias por completo. Essa *desordem e justaposição* de diferentes discursos permeiam *O mez da gripe* assim como a obra de Valêncio Xavier. A colagem, então, pode ser entendida como as “possibilidades de acúmulo, sobreposição, ressignificação, entre outras variáveis que permitem sua experimentação e exploração dessa linguagem para assuntos incontáveis” (SOUZA & COSTA, 2019, s/p). O próprio Xavier se utiliza dessa variedade de assuntos e discursos para compor seus romances: *frames* de filmes, fotos de jornal, notícias, peças publicitárias, ilustrações. São incontáveis exemplos (incontáveis assim como os assuntos abordados).



Se a colagem utiliza “partes” de outras obras visuais para montar um novo discurso nas artes plásticas, a montagem no cinema opera um movimento semelhante: cenas da película são editadas para que a obra audiovisual torne-se um texto único, coeso, integrado e uniforme. Para Mourão, pela montagem, ou seja, pela

maneira como o cinema articula e aproxima as imagens e os sons que verificamos sua transformação em discurso. Criam-se novos sentidos, uma nova lógica onde os significados não são transparentes, nascida da associação de fragmentos. Justapõem-se duas realidades: a da vida propriamente dita e a do filme, a do discurso e, ainda dentro do filme, a justaposição de planos determinando novas leituras das imagens” (MOURÃO, 2006, p. 2)

É novamente presente a ideia de justaposição e reorganização de ideias, imagens e textos diferentes, de maneira a criar algo novo e coeso. É possível que a montagem seja um dos pontos de contato das obras literárias de Valêncio Xavier e o cinema.

É essa intersecção, proporcionada pelo encontro de montagem, colagem e as narrativas de Valêncio Xavier que será nossa chave de leitura para os textos de *100 anos em 100 filmes*.

## 5 A (NÃO) CURADORIA DE VALÊNCIO XAVIER

*100 anos em 100 filmes* não é, originalmente, um livro. Os textos de Valêncio Xavier foram publicados periodicamente no jornal *Gazeta do Povo* ao longo de mais de 4 meses no ano de 1995. Entretanto, os mais de 100 textos sobre cinema fazem parte de um único projeto, coeso, resenhando 100 filmes (e outras obras correlatas) lançados entre os anos de 1895 (mais especificamente, 1893, já que uma das películas resenhadas é anterior à exibição pública dos Irmãos Lumière) e 1995. Os textos são tornados livro somente em 2020, com a organização feita pela professora e pesquisadora Maria Salete Borba e publicada pela editora da UFSC em 2020.

Sendo assim, qual será o fio condutor que liga a escolha dos filmes resenhados por Valêncio Xavier? Uma primeira hipótese seria a de um filme por ano, afinal, à época da publicação dos textos comemorava-se os 100 anos da primeira exibição pública de cinema. Por mais que os filmes sejam bem distribuídos ao longo desses 100 anos de história, há anos não contemplados (1987, 1951, 1936 para citar alguns exemplos), assim como há anos repetidos (1939 com duas entradas, *No tempo das diligências* [XAVIER, 2020, p. 43] e *E o vento levou* [XAVIER, 2020, p. 45]). Ademais, os textos não foram publicados em ordem cronológica: no mês de agosto de 1995, por exemplo, é publicada a resenha de *2001 -- uma odisséia no espaço*, filme de 1961 (XAVIER, 2020, p. 38), já no mês de setembro de 1995 é publicada a resenha de *Nanook, o esquimó*, filme de 1922 (XAVIER, 2020, p. 58).

Não há, inclusive, organização temática: de uma resenha de *Deus e o diabo na terra do sol* em que Xavier comenta o Cinema novo brasileiro (XAVIER, 2020, p. 68) passamos a uma resenha de *Kagemusha* comparando o filme de Akira Kurosawa aos filmes de faroeste (XAVIER, 2020, p. 69). Essa variedade de filmes, nacionalidades, temas e abordagens de Valêncio Xavier se estendem por todo o projeto.

Ao longo dos textos, nada indica, também, se tratar de uma lista de 100 filmes essenciais, ou 100 filmes do pior ao melhor: há até filmes que servem como um contraponto à opinião do autor. *Apocalypse now*, por exemplo, é para o autor um filme que nas peças publicitárias se promove como antibelicista e antimilitarista, enquanto o próprio filme apresenta a ideia oposta em sua

narrativa. Para Valêncio Xavier, o romance em que o filme foi baseado (*Coração das trevas*, de Joseph Campbell) é mais antibelicista e antimilitarista (XAVIER, 2020, p. 122). Há muitas resenhas em que Xavier analisa também filmes correlatos no mesmo texto.

Não há, aparentemente, um fio condutor que conecte os filmes escolhidos por Valêncio Xavier de maneira explícita. É possível inferir, porém, que a curadoria de Valêncio Xavier fundamentou-se na escolha de filmes que o autor gostaria de comentar de alguma forma, fosse esse um comentário técnico, de cineasta; entusiasta, de um fã; ou até mesmo criativo, de um artista. É possível apreender as escolhas e abordagens de Valêncio Xavier como a escolha por uma perspectiva de amador na escrita dessas resenhas / comentários.

Para Ângela Maria Dias, professora e pesquisadora de literatura,

*100 anos em 100 filmes* explora o fetiche das imagens e das formas na criação de um museu imaginário ou ainda de uma 'enciclopédia mágica', em que as relações funcionais das histórias são abandonadas em favor de um novo regime de distâncias e correspondências (XAVIER, 2020, p. 214).

Esse “novo regime de distâncias e correspondências” aproxima os filmes resenhados / analisados sem uma lógica precisa, se não a do interesse do autor em falar sobre essas obras e não sobre outras. Concomitante à essa liberdade de organização, a pesquisadora entende que

o ponto de vista adotado por Valêncio consubstancia a posição [...] do amador. [...] A partir da experiência do filme individualizado para uma ampla viagem intelectual e afetiva, constitui um vívido testemunho do seu entusiasmo. O investimento num percurso informal, tecido a comentários descontraídos e a divagações despreziosas, processa o enlace do cinema com a reflexão sobre a história do século, por meio da paixão das imagens e do comentário de suas técnicas e procedimentos (XAVIER, 2020, p. 205).

Esse percurso informal, amador, também é percebido por Luiz Felipe G. Soares, que considera os textos de Xavier “o extremo oposto da crítica” (XAVIER, 2020, p. 217). Tal posição fica evidente pela informalidade (e, às vezes, imprecisão) com que Xavier, apesar de ser ele próprio um cineasta, comenta os filmes escolhidos: rememora fatos históricos curiosos, segredos dos bastidores, análises de outros estudiosos sobre determinados filmes. Cada texto seu é breve e, em certa medida único, tornando mais complicada a procura por uma coesão ou fio condutor desta compilação de textos. Porém, tal opção por

textos mais acessíveis e menos técnicos tornam a leitura leve e apropriada para o caderno de entretenimento de um jornal.

## 6 UMA OUTRA TENTATIVA NA BUSCA POR UM FIO CONDUTOR: CONCEITOS E TERMOS RECORRENTES

Apesar de não ser possível delinear um fio condutor claro que conecte todos os filmes analisados (além da escolha subjetiva do autor por filmes que chamaram atenção ao longo desses 100 anos), uma análise de temas e termos recorrentes na análise dos filmes feita por Valência Xavier se mostrou promissora.

A pesquisa por termos ocorreu da seguinte maneira: no *software* de leitura de arquivos *.pdf* *Foxit Reader* utilizei a ferramenta de busca de palavras, marcando a opção *whole words only* de modo a encontrar somente resultados idênticos. Ignorei, obviamente, os resultados pertencentes aos ensaios e textos de apresentação escritos por outros autores e autoras que acompanham a obra organizada por Maria Salete Borba e acompanham essa edição.

Importante ressaltar também a estrutura dos textos de Valência Xavier: há 129 textos que compõem a coleção: desses, 114 são resenhas de filmes escolhidos pelo autor, publicados de seis em seis no *Caderno G* do jornal *Gazeta do Povo*. Esses 114 textos são todos divididos em dois, o parágrafo maior com a resenha e outro parágrafo menor com a ficha técnica do filme (ou filmes) em questão (figura 02). Os outros 15 textos são compostos por sugestões / análises de livros relativos ao cinema, impressões de Valência Xavier sobre ícones do cinema -- James Dean (XAVIER, 2020, p. 92) e Frank Sinatra (XAVIER, 2020, p. 187) -- e um conto (XAVIER, 2020, p. 29) sobre o bombardeio (real!) de navios na costa brasileira por um submarino alemão no ano de 1942, mas também sobre um menino fantasiado de *Zorro* (personagem justiceiro popularizado pelo cinema) e sobre uma cena do filme *Now, voyager* que, segundo o autor, se passa na cidade do Rio de Janeiro. O conto que abre esse projeto, então, é uma montagem / colagem com temas comuns ao cinema e ao Rio de Janeiro: uma cena de filme, um evento histórico da Segunda Guerra Mundial, um menino na orla. Todas essas diferentes camadas trabalhando em conjunto para contar uma única história.

## 2001: uma odisseia no espaço<sup>7</sup>

(1968)

Na aurora da humanidade, macacos lutam pela sobrevivência. Descobrem um grande monólito negro. Ao examiná-lo, um macaco, talvez sob influência do monólito, usa um osso como arma e mata um macaco, em disputa por um poço de água. Joga o osso para cima, caindo em câmera lenta o osso funde com uma astronave de passageiros levando um cientista para a Lua; lá ele examina o monólito emitindo misteriosos sinais de rádio. Dois astronautas, Poole e Bowman seguem para pesquisar os sinais do monólito. Hal o computador falante comanda os sistemas eletrônicos da nave. Os dois desconfiam que Hal está sabotando a viagem. Poole morre num acidente arranjado por Hal. Bowman desconecta os circuitos de Hal, que, em mensagem final, diz serem os sinais de rádio oriundos de Júpiter. Ao aproximar-se do planeta, Bowman entra numa psicodélica espiral espaço/tempo, acorda envelhecido num quarto estilo Luís XIV onde está o monólito que o transforma em feto flutuando no espaço infinito. O que quis dizer Stanley Kubrick com essa parábola espacial rica em efeitos espaciais, lançada na época da rebeldia dos jovens, do movimento *hippie*, das drogas, da guerra do Vietnã? Seria *2001* a bíblia psicodélica daqueles/destes tempos conturbados? Ele mesmo responde: "Todos são livres para pensar o que quiser da mensagem do filme".

2001: UMA ODISSEIA no espaço (2001: a space odyssey). [Filme]. Direção de Stanley Kubrick. Roteiro de Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke de *A sentinela*, de Clarke. Fotografia de Geoffrey Unsworth e John Alcott. Música de Richard e Johann Strauss, Aram Khachaturian e Ligeti. Efeitos de Kubrick, W. Vevers e Douglas Trumbull. EUA, 1968 (141 min), son., color. Disponível em vídeo.

<sup>7</sup> XAVIER, Valêncio. 2001: uma odisseia no espaço – 1968. *Gazeta de Pova, Curitiba*, 17 ago. 1995. Caderno G, p. 8.

Figura 02: Exemplo de uma das resenhas da edição organizada por Maria Salete Borba (XAVIER, 2020, 38). O primeiro parágrafo, maior, contém a resenha; o segundo parágrafo, menor, contém a ficha técnica do filme. Todas as resenhas de filmes seguem essa estrutura.

Optei pela chave de leitura da montagem e da colagem, por considerar uma constante na obra de Valêncio Xavier. Sendo assim, a busca pelo termo *colagem* no arquivo retorna apenas três resultados, dois deles nos textos de Xavier: ambos no texto sobre o filme *Ladrões de bicicleta* (XAVIER, 2020, p. 67). O uso do termo se dá pela ocupação do protagonista, que cola cartazes pela cidade no pós-guerra. Sendo assim, não interessa à nossa análise.

Já o termo *montagem* apresenta um resultado muito mais interessante: 192 aparições. Entre essas, 72 nos textos de Valêncio Xavier. Dentre estas 72 vezes, 42 vezes o termo aparece na ficha técnica (seguida pelo nome do profissional responsável pela montagem do filme) e as outras 30 vezes ao longo das resenhas.

Comparando somente a recorrência de alguns termos somente na ficha técnica, temos que: *montagem*, conforme mencionado, com 42 resultados; *fotografia*, por um erro de leitura do arquivo em *.pdf*, não retorna resultados, porém ao desmarcar a opção *Whole words only*, temos 94 resultados, entendidos pelo programa como *fotografi a*; o termo *direção* retorna 115 resultados, sendo um deles com o significado de “em sentido a”, enquanto os outros 114 resultados remetem ao sentido cinematográfico, do profissional que dirige e assina o filme; *roteiro*, 102 resultados; *elenco*, 88 resultados; *trilha sonora*, somente 1 resultado; e, por fim, *música* com 77 resultados.

A constância do termo *montagem* nas fichas técnicas é inferior à da maioria dos outros termos pesquisados. Como é possível observar no gráfico a seguir (figura 03), a montagem aparece em sexto lugar entre as palavras escolhidas, atrás de termos mais comuns, em ordem decrescente: *direção*, *roteiro*, *fotografia*, *elenco* e *música*. *Montagem* é apenas mais comum do que o item *trilha sonora*, com apenas uma aparição. Os resultados podem ser melhor visualizados no gráfico da figura 03, organizado de maneira de decrescente:

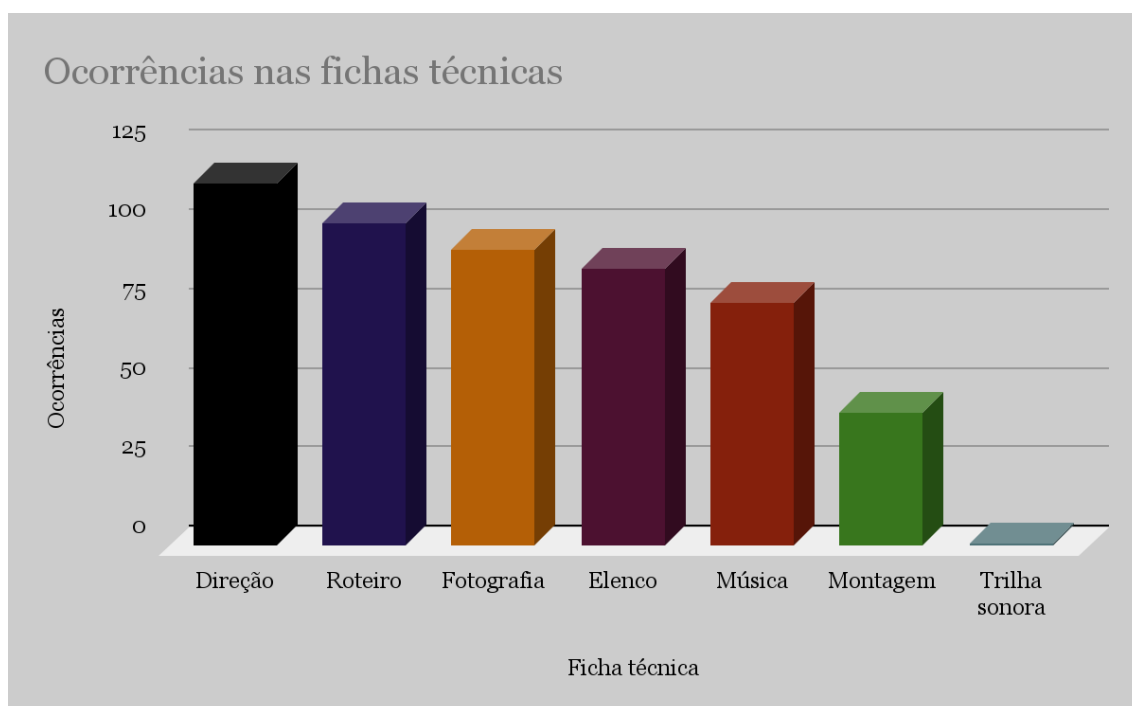


Figura 03: Gráfico com a recorrência dos termos relativos a cinema nas fichas técnicas dos filmes resenhados por Valêncio Xavier.

Não surpreende que termos como *direção*, *roteiro* e *fotografia* sejam os mais comuns nas fichas técnicas entre os selecionados para a pesquisa,

principalmente o termo *direção* em primeiro lugar: todo o filme é assinado por alguém, geralmente um diretor, que cuida da grande maioria dos aspectos de um filme. Há também, entre essas aparições do termo, diretores de outras áreas de um mesmo filme: “direção de fotografia”, “direção de arte”, entre outras. Esperado também que essa informação apareça na ficha técnica de um filme, seguido do nome do ou da profissional.

Entretanto, a pesquisa dos mesmos termos nas resenhas dos filmes apresenta um resultado diferente: *montagem* aparece 30 vezes; *fotografi a* (novamente com o erro de leitura) retorna 11 resultados; *direção*, também 11 resultados, sendo dois deles com o significado de “em sentido a”; *roteiro*, 18 resultados, sendo um deles parte de um título de um livro; *elenco*, 6 resultados, *trilha sonora* com apenas 1 resultado novamente; e, por fim, *música* com 25 resultados, sendo um deles ainda no conto que abre a coleção. Os dados são melhor visualizados no gráfico a seguir (figura 04):

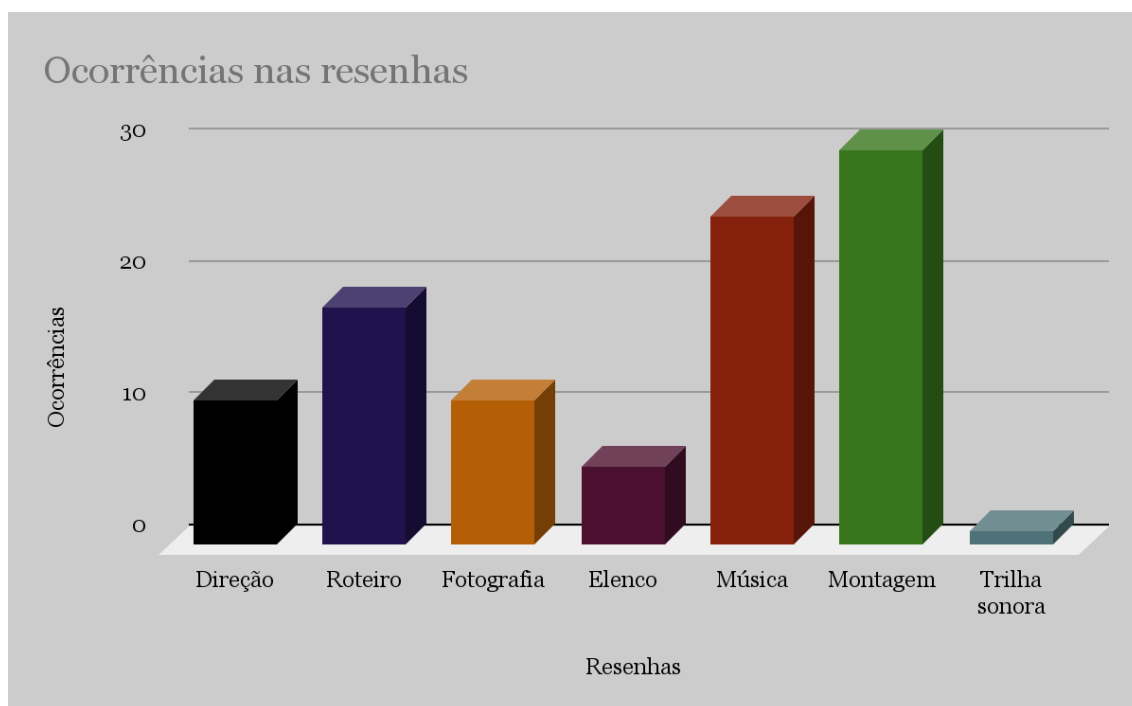


Figura 04: Gráfico com a recorrência dos termos relativos a cinema nas resenhas escritas por Valêncio Xavier.

Ao quantificar a recorrência dos termos nas resenhas, os dados obtidos são completamente diferentes: *montagem* ocupa o primeiro lugar, seguido pelo termo *música*, depois *roteiro*, *direção*, *fotografia*, *elenco* e, novamente em último lugar, *trilha sonora*. Qual (ou quais) o(s) motivo(s) para essa inversão?



*Montagem*, aparecendo três vezes mais do que o primeiro lugar dos termos recorrentes nas fichas técnicas (*direção*), evidencia que a montagem é um dos elementos que Valêncio Xavier mais elabora em suas resenhas e comentários. Assim como em sua obra literária, permeada pela *colagem*, pela *justaposição* de diferentes textos e imagens, Xavier analisa os filmes sempre pela chave de leitura da *montagem* e da *colagem*, reiterando assim, a importância dessa reorganização de diferentes cenas, espaços, textos para construir um novo (e uno) todo. Tal perspectiva é reforçada pela epígrafe escolhida por Borba, da autoria do próprio Valêncio Xavier, para abrir seu projeto de organização:

Sou da teoria de que todos nós vemos os nossos filmes, e não aquele que está na tela. Se um dia fôssemos juntos ao cinema, você iria ver o seu filme, muito diferente daquele que eu estiver vendo, e do que o espectador ao seu lado está assistindo, o que está ao meu lado poderia até ter dormido justamente naquele momento que mais me emocionou. Tudo que acontece só acontece dentro de um de nós. E não tem coisa mais fácil do que contar o que está dentro de nós. Além de ser divertido, podemos até controlar o que vamos contar para não acabar atrás das grades, ou no hospício (XAVIER, 2020, p. 5).

E se Valêncio Xavier, ao comentar / resenhar esses filmes, está comentando / resenhando *seus* filmes, esses *seus* filmes são, assim como sua obra, resultado de *montagens* / *colagens* de diferentes textos e de diferentes filmes.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM LIVRO QUE NÃO ERA LIVRO

Utilizei, no presente trabalho, uma análise quantitativa, da recorrência numérica dos termos ao longo dos 129 textos de *100 anos em 100 filmes*, de modo a traçar um fio condutor que ligue todos os textos da coletânea. Optei pela análise quantitativa para fundamentar minha perspectiva e análise qualitativa, de que a obra (romances, filmes, resenhas) e o estilo de Valêncio Xavier são permeados pela colagem e pela montagem. Não contemplei, no presente trabalho, análises e comparações com o estilo do Valêncio Xavier cineasta. Esse caminho, do multimídia, aproximando os filmes do autor com sua própria produção e a produção de outros artistas é terreno fértil, ainda a ser explorado e abordado por pesquisadores e pesquisadoras que se interessem por Valêncio Xavier.

Termino reiterando que é possível que Valêncio Xavier tenha escrito um livro sem o saber livro: os textos de *100 anos em 100 filmes* apresentam o seu estilo de jornalista, de cineasta e também de autor de literatura. Se utiliza de recortes, justaposições e ressignificações de textos já existentes para criar algo novo, por meio de um metalivro que nem era livro: textos que tratam de cinema e montagem, concebidos pela ótica / perspectiva de um autor afeito pela montagem e pela colagem em seus trabalhos. Um livro que ainda viria a ser, só lhe faltava o suporte e organização de livro.

Um filme só se torna efetivamente um *filme* após ter suas cenas, sons, partes reorganizadas na pós-produção; os romances de Valêncio Xavier só se tornam *romances de Valêncio Xavier* após a reorganização (colagem) realizada pelo autor, de textos e imagens provenientes de diferentes lugares; por fim, *100 anos em 100 filmes*, esse projeto que veio a ser um livro sobre *montagem* mesmo que originalmente não o fosse, é produto dessa montagem / colagem de comentários e resenhas sobre filmes de diferentes épocas e locais construindo um único livro.

## REFERÊNCIAS

CUPANI, Alberto. **Filosofia da tecnologia**: um convite. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

DIAS, Ângela Maria. **Valêncio Xavier**: o minotauro multimídia. Rio de Janeiro: Editora Oficina, 2016

JAKOBSON, Roman. **Linguística. Poética. Cinema**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

MOURÃO, Maria Dora Genis. **A montagem cinematográfica como ato criativo**. Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 33(25), 229-250. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65628> Acesso em: 02 novembro 2021.

SOUZA, Matheus Muniz Lourenço de & COSTA, Lucas Ribeiro de Melo. **As relações técnicas e conceituais entre a pintura e a colagem**. arte | ref. 2019. Disponível em: <https://arteref.com/artigos-academicos/artigo-sobre-as-relacoes-entre-a-pintura-e-colagem/> Acesso em: 22 outubro 2021.

TV BOITEMPO. **Slavoj Zizek fala sobre cinema**. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vCJGluoXc1Y&t=2s&ab\\_channel=TVBoitempo](https://www.youtube.com/watch?v=vCJGluoXc1Y&t=2s&ab_channel=TVBoitempo) Acesso em: 22 maio 2021

UBIRATAN, Brasil. **Borges admirava faroestes e a Lua**. Estadão. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,borges-admirava-faroestes-e-a-lua,459123> Acesso em: 22 maio 2021

XAVIER, Valêncio. **O mez da gripe e outros livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

XAVIER, Valêncio. **100 anos em 100 filmes**: escritos sobre cinema. Estabelecimento do texto e organização, Maria Salete Borba. Florianópolis: Editora da UFSC, 2020. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/208388#:~:text=O%20objetivo%20desta%20edi%C3%A7%C3%A3o%20cr%C3%ADtica,do%20cinema%2C%20comemorados%20em%201995>. Acesso em: 31 maio 2021